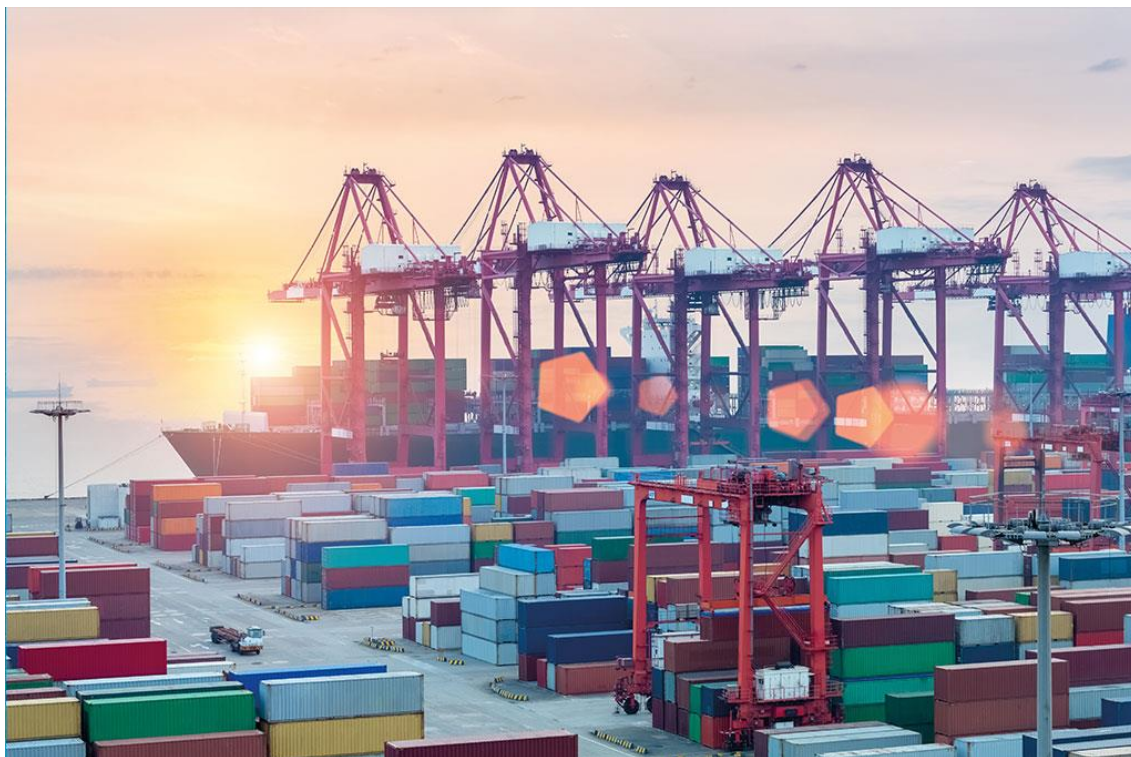


A informação para tomar decisões

11/8/2020 – Portos e Navios - Edição 713-714 julho-agosto
por Ivan Leão, diretor da Ivens Consult



Este tema foi inspirado pelo artigo de Leandro Barreto e Roberto Grantham, da Solve Shipping Intelligence, analisando as rápidas mudanças que as operadoras de navios porta-contêineres realizaram, nos últimos seis meses, para se adaptar às mudanças causadas pela pandemia. No Brasil, houve adaptação para lidar com o maior volume de exportações e a queda nas importações, com inversão da situação antes existente. O título do artigo “As catástrofes que não ocorreram” pode perfeitamente ser aplicado em ambiente mais amplo. Os autores apontam que existe “uma enxurrada de informações nas mídias e redes sociais, muitas delas difusas, politicamente contaminadas e nem sempre verdadeiras”. Para tomar decisões as empresas ampliaram sua observação sobre a demanda efetiva.

O cenário contemplado inclui a nova realidade de automação e inteligência artificial para análise de dados em quantidades gigantescas. Transferências de informações em velocidades cada vez maiores, facilitando o controle de operações e processos, levando a uma melhor precificação dos riscos. A acumulação financeira que não retorna como investimento ao setor produtivo voltou ao debate internacional. É apontada como origem de instabilidade social e política. O movimento dos bancos

centrais de redução das taxas de juros tem o propósito de estimular a migração da acumulação na direção da produção de bens e serviços. Fundos de investimento em infraestrutura e logística são uma alternativa que conquista investidores.

A Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais) informa que aplicação financeira no Brasil é de cerca de R\$ 6 trilhões, praticamente o valor da produção anual de bens e serviços no país. Sendo 70% aplicados em fundos de investimentos na renda fixa (39%), fundos multimercados e ações. Existe uma base financeira que pode ser atraída para projetos rentáveis, substituindo, em parte, o investimento público comprometido pelo déficit fiscal e a folha de salários dos funcionários públicos.

Um exemplo de iniciativa nessa direção é o projeto de fusão das estatais Valec e EPL (Empresa de Planejamento e Logística), do Ministério da Infraestrutura, para criar a empresa Infraestrutura de Transportes S.A. (Infra SA) com menor dependência de recursos públicos e mecanismos para se financiar. A proposta, apresentada pelo MBC (Movimento Brasil Competitivo), inclui um acordo de cooperação com o ministério na estruturação da fusão, tendo a Accenture do Brasil como parceira no projeto, cabendo ao MBC captar R\$ 4 milhões no mercado privado para realizar essa ação.

Nos segmentos de navegação e terminais portuários, a presença de gestoras de investimentos pode ser identificada no capital da Log-In, da Hidrovias Brasil, da Cia. Brasileira de Offshore (CBO), entre outras. Investimentos de empresas brasileiras e internacionais mudaram o panorama nos investimentos em terminais portuários e criaram dinâmica no mercado de gás natural. Em julho, a gestora de private equity IG4 Capital negociou com credores da CGG Trading e subsidiárias a aquisição e a reestruturação de dívidas da companhia, no valor de US\$ 236 milhões. Dessa forma, a gestora deterá 100% das ações da CLI – Corredor Logística e Infraestrutura, controladora do terminal de grãos da CGG Trading no Porto de Itaqui, no Maranhão, dependendo da aprovação de órgãos reguladores. A CLI é uma das quatro empresas que compõem o Consórcio Tegram, do qual participam a Glencore, a Terminal Corredor Notre - ligada à trading NovaAgri - e a ALZ Terminais Portuários (das tradings Amaggi, Louis Dreyfus e Zen-Noh Grain). O terminal movimentou sete milhões de toneladas de grãos (soja e milho) em 2019 e deverá dobrar sua capacidade ainda neste ano.

A reação positiva de investidores foi comprovada na chamada à concessão de terminais da Companhia Docas do Rio de Janeiro (CDRJ) que recebeu manifestação de 22 empresas, interessadas em projetos para os portos do Rio de Janeiro e Itaguaí. Para o Porto de Itaguaí, os projetos são: Terminais de Granel Sólido 2 e 3; Terminal de Granel Líquido; Operação de Transbordo de Granel Líquido ship to ship; e área de apoio à operação portuária. Para o Porto do Rio de Janeiro o projeto é de elaboração e doação de Estudo de Viabilidade Técnica, Econômica e Ambiental (EVTEA) para um terminal de granel líquido.

O avanço em direção à indústria 4.0 tem na WEG (motores elétricos e geradores) o exemplo recente com aquisição de controle acionários em empresas com aplicações no “ecossistema digital”. Em 2019 adquiriu duas empresas: a PPI Multitask, desenvolvedora de softwares para sistemas de manufatura, integrando a produção no chão de fábrica com as estruturas corporativas, vendas suprimentos e estoques; e a

V2COM, especializada na internet das coisas (IOT). Em 2020, adquiriu as empresas Mvisia (especializada em visão computacional, com tecnologias de captura, tratamento, processamento e armazenamento de dados através de imagens e vídeos) e a BirminD (especializada em industrial analytics e soluções de otimização de malhas de controle e avaliação do retorno financeiro de serviços. Ambas utilizando aplicações de inteligência artificial.

No ambiente de produção de petróleo offshore, a Petrobras informa a patente do conceito Totus que simplifica etapas de construção do poço a partir de otimizações nas fases de projeto e planejamento, com redução de custos em 50%. O país prossegue no noticiário da imprensa internacional especializada em óleo e gás como um importante mercado para plataformas de produção do tipo FPSO e sistemas submarinos de produção. A Reuters informou, em julho, que a Petrobras prepara a licitação internacional este ano da maior plataforma de produção de petróleo a ser instalada no Brasil, com capacidade de armazenamento de 225 mil barris dia de petróleo, num investimento superior da US\$ 2,5 bilhões, para operação no campo offshore de Buzios. A plataforma será maior que o FPSO contratado, no início do ano, pela Equinor à Modec para o campo offshore de Bacalhau.



Ivan Leão é diretor da Ivens Consult